

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

AS CONTRIBUIÇÕES DAS ESCOLAS FAMÍLIAS AGRÍCOLAS DO SEMI-ÁRIDO (EFAS) PARA (RE)AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADES E MANUTENÇÃO DOS JOVENS NO CAMPO

Jaiane Almeida da Silva¹; Célia Regina Batista dos Santos²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura e Bacharelado em Geografia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: jaianecaa@hotmail.com
2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: celia_regina2006@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Escola Família Agrícola, Identidades no/do lugar, Jovem do rural.

INTRODUÇÃO

Vários estudos indicam que a realidade vivida pelo jovem do campo não é trabalhada na maioria das escolas rurais. Há uma supervalorização do modo de vida urbano nessas escolas que tem como resultado a negação das raízes, identidades e culturas próprias do meio rural. Aliado a isso, ainda temos o descaso dos governantes com o espaço rural e a falta de perspectivas de empregos que acabam por estimular a não-permanência de muitos jovens, que abandonam o campo em busca de melhores oportunidades de emprego e estudo na cidade.

A perspectiva de mudar esse cenário levou (e tem levado) o movimento de educação do campo a criar alternativas para se pensar e construir uma nova escola para o campo que atenda às reais demandas dos sujeitos que ali vivem. Entre essas alternativas, vamos situar nosso estudo no trabalho desenvolvido pelas Escolas Famílias Agrícolas (EFAS), em específico, as EFAS da Rede de Escolas Famílias do Semi-árido Baiano (REFAISA).

As EFAS tem como proposta a formação integral do jovem rural, procurando valorizar as situações e experiências cotidianas dos estudantes e de seus familiares, incentivando a elaboração de propostas concretas voltadas para o trabalho no campo e valorização da cultura e modo de vida inerentes a esse lugar. A finalidade maior é contribuir para o desenvolvimento sócio-ambiental das comunidades rurais onde atuam e evitar o êxodo dos jovens para a cidade.

Diante disso, essa pesquisa tem por objetivo analisar a opinião de professores e alunos sobre o trabalho desenvolvido pelas EFAS e até que ponto essas escolas vem contribuindo para o aumento da auto-estima, a (re) afirmação de identidades e a perspectiva de permanência dos jovens no campo.

A importância desse trabalho se dá pela possibilidade de contribuir para as discussões que envolvem as temáticas voltadas para as especificidades do campo; bem como para o processo de avaliação do trabalho desenvolvido pelas EFAS do Semi-Árido e seus impactos na realidade de trabalho e vida das pessoas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e utiliza como *unidade de análise* (YIN, 2001) o universo da REFAISA. Trata-se de um estudo de caso centrado no trabalho desenvolvido pelas EFAS localizadas nos municípios de Ribeira do Pombal e Alagoinhas e tem como sujeitos da pesquisa professores e alunos dessas instituições de ensino.

Os estudantes investigados na EFA de Ribeira do Pombal cursam a 7ª e 8ª séries do ensino fundamental e os da EFA de Alagoinhas cursam o 3º ano do ensino médio. A escolha dessas séries, diz respeito ao fato de podermos fazer um comparativo entre os alunos que

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

estão iniciando nas EFAS e aqueles que já estão concluindo, quanto à influência do trabalho desenvolvido por essas escolas, referente às temáticas dessa pesquisa. Esses estudantes são filhos de agricultores e agricultoras e a maioria deles moram em comunidades no campo.

Foram utilizados como instrumentos de pesquisa questionários organizados em blocos de perguntas sobre a mesma temática, a saber: opinião sobre o estudo nas EFAS; contribuição das EFAS para a formação de identidades no rural e aumento da auto-estima; contribuição das EFAS para perspectiva de permanência dos jovens entrevistados no seu lugar de vivência. Aplicamos nove questionários aos alunos de Ribeira do Pombal, dez questionários aos alunos de Alagoinhas e sete aos monitores (dois aos monitores dessas escolas e o restante a outros de escolas diferentes).

Os questionários dos estudantes e monitores das escolas investigadas foram aplicados durante as visitas às EFAS, onde tivemos uma maior aproximação ao contexto da pesquisa. A visita às EFAS teve duração de três dias em Ribeira do Pombal e dois dias em Alagoinhas, onde acompanhamos o dia-a-dia dos alunos e monitores na realização das tarefas diárias, buscando não interferir nessa dinâmica para que assim pudéssemos perceber como se dá o desenrolar do processo de estudo/trabalho diário em sua essência, e de que forma os alunos lidam com essa rotina.

Os alunos foram convidados a responder os questionários individualmente, pois assim, conseguíamos conversar mais detidamente e esclarecendo dúvidas que iriam surgindo na medida em que eles respondiam as perguntas formuladas (ou seja, nós fazíamos as perguntas e eles iam respondendo, nós anotávamos e íamos dialogando). Os monitores responderam ao questionário tanto nas EFAS visitadas, quanto durante os seminários de formação na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Nesses eventos tivemos a oportunidade de coletar informações, tanto junto aos monitores das escolas investigadas quanto aos monitores de outras escolas. Os resultados dessa investigação foram agrupados em categorias que serão analisadas a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vários estudos indicam que a realidade vivida pelo jovem do campo não é trabalhada na maioria das escolas rurais. Apesar de localizadas no campo, essas escolas são organizadas de tal forma que o currículo e os conteúdos abordados são norteados por uma lógica urbanocêntrica que não atende as necessidades dos jovens do campo, não contribuem para que esses atores sociais se identifiquem com seu lugar e nem tampouco elaborem novas compreensões sobre o seu espaço de vivência (Santos, 2009). Há uma supervalorização do modo de vida urbano nessas escolas que tem como resultado a negação das raízes, identidades e culturas próprias do meio rural. Aliado a isso, ainda temos o descaso dos governantes com o espaço rural, a falta de perspectivas de melhorias, de empregos, a dificuldade dos pequenos agricultores em acompanhar as constantes mudanças tecnológicas. Toda essa situação acaba por estimular a não-permanência de muitos jovens, que abandonam o campo em busca de melhores oportunidades de emprego e estudo na cidade.

A escola família agrícola (EFA) e seu princípio filosófico e metodológico, denominado de Pedagogia da Alternância é uma idéia francesa da década de 30, que visa à construção de uma educação voltada para a valorização da vida e trabalho no/do campo. Ela chega ao Brasil, através de padres italianos nos anos 70, e nos últimos 40 anos desempenha um trabalho efetivo mediante seus 201 Centros Familiares de Formação em Alternância (CEFFA) distribuídos pelas cinco regiões do país. A primeira EFA baiana surgiu em 1975, e desde então, ao longo dos últimos 30 anos, podemos evidenciar um significativo processo de

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

inserção das EFAS no estado (com suas 31 escolas e mais 08 em processo de implantação-dados de 2007) (Cavalcante, 2007)

A Pedagogia da Alternância tem por filosofia a formação integral do jovem rural, através do seu auto-entendimento como sujeito de sua história e agente de mudanças no seu lugar. Seu princípio teórico-metodológico incentiva as articulações entre o ambiente sócio-profissional e o meio escolar através de situações de alternância (a cada quinze dias os estudantes alternam seus estudos nas propriedades, na comunidade e na escola). Por meio dessa articulação teoria-prática, o estudo nas EFAS destina atenções ao local e incentiva a elaboração de propostas concretas voltadas para o trabalho no campo. Assim, EFA vêm na perspectiva de romper com o preconceito e contribuir para evitar o êxodo dos jovens através da valorização do meio rural e dos sujeitos que fazem a história da localidade rural, para assim, contribuir para elevação da auto-estima desses jovens. Mas será que isso realmente vem acontecendo? Qual a opinião de alunos e monitores sobre o trabalho das EFAS? Essas escolas vêm contribuindo, realmente, para o resgate da identidade e perspectiva de permanência dos jovens investigados, no campo? Os resultados da investigação deram algumas respostas (ainda que parciais) a essas perguntas.

OPINIÃO SOBRE O TRABALHO DAS EFAS

A investigação indicou que todos os alunos investigados gostam de estudar na EFA. Destes, 40% justificaram ser por conta da metodologia da escola, 20% destacaram a convivência, 20% salientaram a preocupação da escola com a formação integral do aluno e os restantes 20% responderam que a metodologia utilizada pela escola facilita o processo de aprendizagem e a ampliação dos conhecimentos. Isso pode ser exemplificado pelas falas que seguem:

O que aprendemos na EFA há chances de aplicar na comunidade, em casa. As experiências de casa e as dos colegas ajudam a modificar algum problema através das orientações dos professores

Na EFA aprendemos mais por que tem mais atividades

Quando questionados se o estudo nas EFAS está atendendo as suas expectativas, todos os alunos investigados responderam positivamente, as falas a seguir ilustram o exposto:

Estamos sendo preparados para enfrentar a realidade fora da escola, preparação esta que a escola normal não transmite.

Os monitores ensinam muito bem, os assuntos de agricultura que antes não sabia, agora tenho outra visão.

Ao serem indagados sobre as mudanças que o estudo na EFA vem proporcionando na sua vida particular e familiar, à sua vida no campo, assim como na comunidade, 100% dos alunos afirmaram que a escola vem contribuindo para que eles construam uma nova visão em relação à vida em sociedade e principalmente à vida no campo, este como potencial de desenvolvimento.

Um dos objetivos das EFAS é contribuir para a manutenção das formas de agir, hábitos e valorização dos costumes inerentes ao homem do campo. Quando questionados sobre essa questão 60% dos alunos afirmaram que passaram a si identificar com o campo e que a EFA vem contribuindo para isso, através do incentivo ao trabalho no campo, mostrando as possibilidades e potencialidades, como também demonstrando a importância do profissional do campo. Os outros 40% evidenciaram que não se identificam muito com o campo, porém reconheceram que a escola procura motivar esse processo de identificação. Os monitores destas escolas complementam e afirmaram que realmente o trabalho que é desenvolvido nessas instituições busca contribuir para que os alunos se identifiquem com o

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

seu lugar de vivência, e quando indagados sobre a maneira como os alunos expressam isso, eles afirmaram que os alunos mudam seu comportamento e se mostram mais dispostos a desenvolver as atividades. Assim, é válido salientar que as identidades são construídas em contextos sociais e são também expressas, neste sentido contribuem sobremaneira para auxiliar as escolhas dos indivíduos.

Os alunos afirmam que a EFA, junto com a Pedagogia da Alternância contribuem significativamente para a perspectiva de permanecerem no campo e de continuar contribuindo com as atividades na comunidade. Porém, isso não significa que todos tenham o trabalho no/do campo como perspectiva de vida. Desta forma, 70% dos alunos de Alagoinhas e 88% dos alunos de Ribeira do Pombal pretendem permanecer no campo. Os que afirmaram que não pretendem permanecer evidenciam que isso se deve a expectativa de fazer uma faculdade, que só é possível em outros locais. No entanto, não querem perder o vínculo com a comunidade, pois ao concluírem a faculdade pretendem retornar ao campo.

Os monitores investigados (100%) afirmaram que o trabalho desenvolvido nas EFAS incentiva os alunos a permanecerem no campo e que trabalham esse incentivo através de palestras, exemplos de ex-alunos, trabalhos que enfocam a realidade cotidiana, demonstram a viabilidade do trabalho na sua localidade, bem como a própria Pedagogia da Alternância que, segundo eles, possibilita essas alternativas de permanência no campo.

Assim, o trabalho desenvolvido na EFA busca intensificar sua prática na vida no lugar, pois, em si tratando de espaço rural, é necessário considerar as relações cotidianas, respeitar o calendário agrícola e fazer com que a escola rompa com a lógica urbana e passe a ser norteada por uma lógica intrínseca ao campo. É neste sentido a luta e a ideologia das EFAS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a influência do trabalho desenvolvido nas Escolas Famílias Agrícolas para a formação e o processo de permanência dos jovens do campo, bem como averiguar a contribuição da Pedagogia da Alternância para a formação integral dos jovens e do meio, são demandas importantes que influenciam na permanência desses jovens em seu local de vivência e elevação de auto-estima dos mesmos. A pesquisa tem nos revelado até agora que as EFAS vêm contribuindo para a formação dos jovens do rural, para a formação de identidades e valorização do campo como espaço de possibilidades, entretanto, isso não significa que todos queiram permanecer trabalhando no campo. Uma questão importante, é que há uma grande diferença entre querer ficar e ter condições objetivas de permanecer dada às dificuldades no que se refere ao investimento e falta de oportunidades de trabalho.

Desta forma, através da investigação podemos colaborar com as discussões que envolvem o universo acadêmico e contribuições dos espaços das EFAS, bem como o campo, de uma maneira geral. No entanto, é válido salientar que esta pesquisa foi prorrogada, com o intuito de abranger o universo de discussões e análises referentes às EFAS, ou seja, a investigação abrangerá mais três escolas, o que resulta em cinquenta por cento no contexto das escolas investigadas no projeto maior. Desta forma, as informações obtidas até o presente momento consistem em resultados parciais que podem si delinear de forma diferenciada nas demais Escolas Famílias Agrícolas. Portanto, as inferências desse primeiro momento não são tidas como homogêneas e comuns a todas as escolas, mas sim, cada uma com sua particularidade e sentido de ser.

REFERÊNCIAS

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

- CAVALCANTI, Ludmila. A escola família agrícola- quais caminhos em que direção? In: Caderno Multidisciplinar - Educação e Contexto do Semi-Árido. Rede de Educação do Semi-Árido. 2007.
- SANTOS, Célia Regina Batista. O desenvolvimento Profissional de Professoras de Geografia: contribuições de um grupo de estudos sobre o ensino da localidade. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal de São Carlos, 2007.
- YIN, Roberto K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.